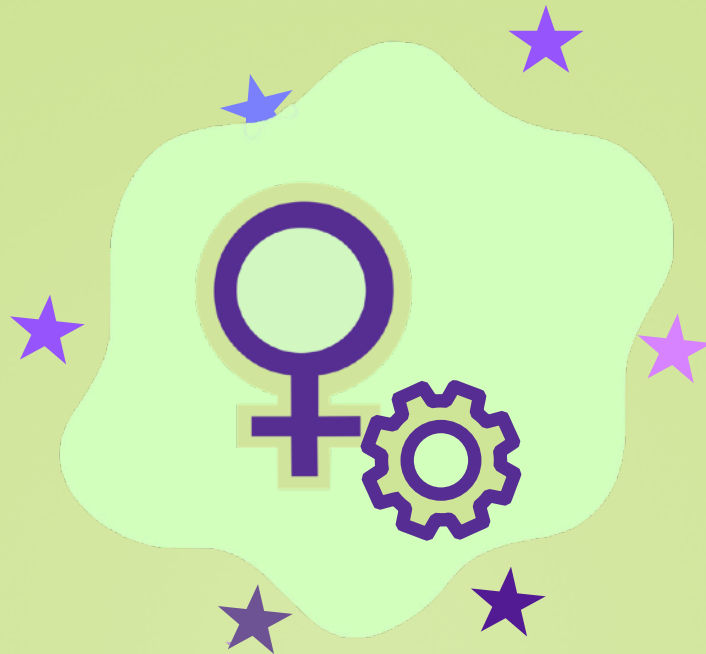


Lindinalva da Silva Santos
Jarbas Mauricio Gomes



O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero



PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL
Alagoas



Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.

Simone de Beauvoir,
1967.





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

S2371

Santos, Lindinalva da Silva.

O lugar da mulher no mundo do trabalho: reflexões sobre gênero / Lindinalva da Silva Santos; Jarbas Mauricio Gomes. – 2022.

37 f. : il.

Produto Educacional da Dissertação: A presença da temática gênero na formação do profissional técnico de nível médio (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2022.

1. Educação Profissional. 2. Gênero - Trabalho Educativo. 3. Curso Técnico. 4. Produto Educacional I. Gomes, Jarbas Mauricio. II. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

EXPEDIENTE TÉCNICO

Instituto Federal de Alagoas (Ifal)

Reitor: **Carlos Guedes de Lacerda**

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e

Inovação: **Eunice Palmeira**

**Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica (ProfEPT/Ifal)**

Coordenador: **Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti**

Orientação: **Jarbas Mauricio Gomes**

Projeto Gráfico: **Diego dos Santos Alves**

Produção: **Lindinalva da Silva Santos e**

Jarbas Mauricio Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 06

SEÇÃO 1: | 08
A exposição como recurso educativo

SEÇÃO 2: | 15
A exposição

**À GUISA DE
CONCLUSÃO:** | 31
Toda ação educativa é uma relação
de hegemonia e um ato político

REFERÊNCIAS | 36

APRESENTAÇÃO

O produto educacional (PE) que apresentamos caracteriza-se como um material didático/instrucional e foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Alagoas (ProfEPT/Ifal). Ele contém uma proposta de prática educativa que possibilita o trabalho de temas que não estão contemplados no currículo escolar dos cursos técnicos de nível médio, ou que mesmo estando nos currículos não dispõem de tempo ou carga horária adequada para o trabalho pedagógico.

O tema escolhido é a relação entre gênero e trabalho. Relação nem sempre considerada relevante para a formação dos profissionais técnicos de nível médio, seja em cursos ofertados na forma integrada, o Ensino Médio Integrado (EMI), seja na forma de cursos subsequentes. De modo mais específico, olhamos para o lugar da mulher no mundo do trabalho, tema que tem galgado espaço nos debates acadêmicos sobre o mundo do trabalho e sobre a organização social, política e econômica. A escolha resulta da dissertação **A presença da temática gênero na formação do profissional técnico de nível médio** que, defendida por Lindinalva da Silva Santos, investigou o ensino dos temas relativos à gênero nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de um Campus do Ifal que, no período da pesquisa, ofertava dois cursos na forma subsequente, nas áreas de Enfermagem e Logística.

Embora não se restrinja à EPT e possa ser adaptado e replicado para outros níveis e modalidades de ensino, este PE é destinado aos educadores que atuam no campo da EPT, sejam eles servidores técnicos administrativos da educação, sejam eles docentes. Pois, uma vez que entendemos que tudo que ocorre na escola educa,

também consideramos que todos os profissionais que atuam no âmbito das instituições escolares, incluindo os Institutos Federais, são educadores. Do mesmo modo, o trabalho desses educadores é um princípio educativo não só da construção social da própria identidade e subjetividade, mas como elemento educativo das novas gerações que aprendem sobre profissão e profissionalismo em todos os espaços da escola, desde o tratamento ou dos procedimentos da portaria do Instituto, ao atendimento no refeitório; o trabalho de cada servidor ao atender pais e responsáveis ou os estudantes é educativo, do momento da matrícula até a formatura. Também nesse espaço, o lugar ocupado pelas mulheres no mundo do trabalho, dado seu caráter dialético, pode naturalizar e reforçar estereótipos sociais ou ser exemplo de ruptura e transformação social.

Em tempo, registamos o sincero e merecido agradecimento à Prof. Dra. Géssika Cecília Carvalho da Silva (Ifal/Murici). Pois tendo iniciado como orientadora de Lindinalva, a acompanhou por mais de um ano. Certamente, foi aquele processo de orientação que despertou a inspiração e o desejo de trabalhar em um PE que, sistematizado em forma de uma exposição, tivesse como temática e problemática as questões de gênero no ensino na EPT.

Ensejamos que a proposta de trabalho que desenvolvemos sirva de instrumento e inspiração para educadores de diferentes níveis e modalidades de ensino. Em especial para aqueles que pensam a EPT, e o trabalho educativo desenvolvido no interior dos Institutos Federais, como uma prática de liberdade e de emancipação, tendo como norte de formação das novas gerações a formação humana e a formação para o mundo do trabalho.

Na ensolarada Alagoas, no verão de 2022

*Jarbas Mauricio Gomes e
Lindinalva da Silva Santos*

1 A EXPOSIÇÃO COMO RECURSO EDUCATIVO

1.1. Colocar às vistas o que se quer manter longe dos olhos...

Apresentar à vista. Este é um dos significados etimológicos da palavra exposição. Este é também o mote que nos levou a sistematizar um roteiro com orientações para o trabalho educativo de temas que, ainda no século XXI, demandam visibilidade. Escolher expor não é uma decisão aleatória, foi uma ação pensada e repensada à luz das bases conceituais da EPT; ao dizer isso, nos situando no campo da educação escolar e de modo mais específico na área de ensino, assumimos uma posição política de que a formação profissional do técnico de nível médio, realizada no âmbito dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), em específico do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), deve, sempre, primar por um caminho formativo que garanta às novas gerações superar a dicotomia entre o trabalho técnico manual e o trabalho intelectual por meio de uma formação escolar pautada por fundamentos humanísticos, científicos, filosóficos e tecnológicos.

O objetivo da proposta é explorar a relação entre gênero e trabalho a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar da mulher no mundo do trabalho. Expor a relação entre gênero e trabalho não é um ato de rebeldia diante do atual contexto histórico e político em que forças conservadoras levantam a bandeira de que a escola não é lugar para dialogar e aprender sobre gênero. Esta é uma iniciativa que busca superar o senso

comum e desnaturalizar interpretações acríticas de categorias (manifestações concretas do mundo real) historicamente constituídas, ao mesmo tempo que procura reconstruir os significados de conceitos mediadores da formação de profissionais técnicos de nível médio. Em outras palavras, este produto educacional (PE) busca retomar as bases conceituais da EPT para superar a dicotomia entre formação humana e formação profissional, entre formação técnica e formação geral.



Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até certo ponto, duas classes; entre elas há igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica (BEAUVOIR, 1970, p. 74).



Pensar as questões de gênero a partir de um olhar para o lugar que a mulher ocupa no mundo do trabalho, mediados pelo trabalho enquanto princípio educativo, emerge da vontade de apresentar uma antítese ao modelo historicamente construído e que coloca a mulher em um aparente pedestal ao passo que limita, reduz e mina as possibilidades de crescimento pessoal e intelectual. A posição secundária delegada à mulher, que está “por trás de um grande homem”, que exerce o papel de “dona do lar” em um trabalho não remunerado e não reconhecido, é confrontada com uma antítese vigorosa que olha para o mundo real e coloca em evidência que o trabalho, nos últimos cem anos, foi o espaço de formação de um tipo novo de mulher, uma mulher intelectualizada, capaz de dominar habilidades e saberes e ocupar espaços que no passado eram reservados aos homens.



Não foram nem o feudalismo nem a Igreja que emanciparam a mulher. É antes a partir da condição de servo que se processa a passagem da família patriarcal à família autenticamente conjugal. O servo e sua esposa não possuíam nada, tinham somente o gozo comum da casa, dos móveis, dos utensílios: o homem não tinha nenhuma razão para procurar tornar-se senhor da mulher que nada possuía; pelo contrário, os laços de trabalho e de interesses que os uniam elevavam a esposa ao nível de companheira. A pobreza continua quando a servidão é abolida; é nas pequenas comunidades rurais e entre os artífices que se vêem os esposos viver em pé de igualdade. A mulher não é nem uma coisa nem uma serva: isso são luxos de ricos; o pobre sente a reciprocidade de um laço que o amarra à sua metade; no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social (BEAUVOIR, 1970, p. 125).



Ao propor uma exposição sobre a temática gênero, optamos por uma estratégia de ensino que não produz a mediação direta entre o conteúdo e sua interpretação, mas almeja promover a inquietação e a práxis reflexiva. Neste ponto, a práxis educativa pode ser desenvolvida por meio de diferentes perspectivas metodológicas, dentre elas o Métodos de projetos, os Centros de interesse, o Trabalho por temas, a Pesquisa do Meio e os Projetos de trabalho, entre outros¹. Neste sentido, mesmo diante da intencionalidade dos autores e de uma mediação pedagógica consciente, em uma exposição não é possível definir de antemão a reação dos sujeitos. Do mesmo modo, a mediação não limita os caminhos interpretativos à visão dos autores, pois as reações e as

¹Para uma visão mais ampla sugerimos a leitura de **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**, de Fernando Hernández (1998) que trata do uso da pesquisa em sala de aula.

interpretações dependem da concepção de mundo de cada sujeito que tem contato com a exposição.

O processo educativo que propomos foi estruturado em uma práxis educativa que não depende da sala de aula para a sua realização. Embora possa ser desenvolvido nas atividades curriculares e com temas do currículo, este tipo de prática educativa transcende essa dimensão do ensino na EPT e se materializa como uma possibilidade de atividade de ensino a ser explorada em campanhas educativas, em projetos de ensino ou extensão ou como atividade integradora. Por ser autônoma daquilo que ocorre na sala de aula, mas sem estar alheia aos pressupostos que norteiam o ensino e a formação na EPT, a prática proposta ocupa os espaços da escola que podem ser explorados por todos os educadores que atuam na EPT, não só pelo corpo docente da Instituição.

Nosso mote, ao propor uma exposição, é entregar uma mensagem que, mediada pedagogicamente, está livre da transposição didática e dos rituais formais do ensino. Ela é fundamentada em uma perspectiva histórica e dialética que procura explorar as contradições entre o plano real da existência e as concepções de mundo idealizadas ao longo da história. Desse modo, pensamos contribuir para colocar às vistas aquilo que, de certo modo, as hegemonias pretendem deixar longe do olhar.

1.2. O trabalho como princípio educativo



O trabalho, a guerra, o jogo, a arte definem maneiras de ser no mundo e não se deixam reduzir a nenhuma outra [...]. Mas só um ponto de vista ontológico permite restituir a unidade dessa escolha (BEAUVOIR, 1970, p. 67).



O fio condutor da exposição é o trabalho, entendido enquanto princípio educativo. Por isso, buscamos evidenciar mulheres que, pelo ato de trabalhar em espaços até então não comuns para as mulheres, romperam os padrões socialmente estabelecidos. Focado na relação entre gênero e trabalho, o material que apresentamos compõem uma proposta para a sistematização de exposições em ambiente escolar. Em nosso caso, buscamos chamar a atenção para o lugar da mulher no mundo do trabalho, de modo que ao não mostrar o “lugar comum” objetivamos despertar a curiosidade e a sensibilidade da comunidade escolar para a naturalização de um discurso fundamentado em concepções culturais arraigadas no interior de uma sociedade que é patriarcal nas suas relações de poder, de organização social e nos costumes.



[...] é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano (BEAUVOIR, 1970, p. 149).



Como já mencionado, o Campus para o qual desenvolvermos a proposta oferta dois cursos de formação profissional técnica de nível médio, na forma subsequente, nas áreas de Enfermagem e Logística². A temática de gênero não é um tema presente entre os conteúdos estruturantes, embora, culturalmente, há uma percepção histórica, que consideramos equivocada, de que a Enfermagem é uma profissão feminina, coisa de mulher, e a Logística, por sua vez, é uma atividade predominantemente masculina. A ausência do debate sobre gênero e sobre a divisão sexual do trabalho na

² Neste ano de 2022, o Campus passou a ofertar o curso de técnico de logística na forma Integrada ao ensino médio (EMI).

formação desses profissionais naturaliza esse tipo de discurso e reproduz no âmbito da formação profissional técnica de nível médio as desigualdades de gênero arraigadas historicamente em nossa sociedade.

1.3. A pesquisa como princípio pedagógico

A proposta de exposição que sistematizamos, tem como premissa o trabalho de levantamento e sistematização de dados e informações. Ou seja, a pesquisa emerge como princípio pedagógico. Isso significa que o material exposto é fruto de um trabalho de levantamento tanto de produções teóricas/escritas como de imagens, figuras e fotografias já veiculadas em diferentes canais de informação. A escolha por trabalhar com este tipo de material tem como justificativa a conjuntura social e política vivida ao longo dos anos de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia de Covid-19.

Foi justamente diante do cenário crescente do uso das redes sociais e da Internet como veículo de comunicação, inclusive as Instituições escolares que foram forçadas a assumir o ensino remoto como alternativa de trabalho que optamos por realizar o levantamento e a seleção dos materiais utilizados na exposição. Sim, poderíamos ter procedido por outro caminho e produzir imagens e fotografias originais, indo ao mundo do trabalho e registrando a presença da mulher em diferentes ambientes laborais e profissões, sobretudo dando ênfase para as profissões da área de enfermagem e logística.

Mas este não foi o caso, optamos por respeitar a condição do *home office* e de ensino remoto sob o qual se deu o desenvolvimento da pesquisa e do produto educacional, inclusive como registro histórico de como os processos educativos e formativos e de como este período impactou nas relações de ensino e na produção da área. Mediante tal escolha, temos consciência de



o PE, sendo uma exposição, poderia ter outro caráter e outros tipos de conteúdo, inclusive produzidos pelos estudantes em uma prática pedagógica mediada para tal fim. Mesmo ciente das possíveis críticas em relação ao “não ter ido a campo” para produzir os materiais, o “não-presencial”, o “assíncrono” foi a condição sobre a qual as relações de ensino foram constituídas nos últimos dois anos. E isso se transfere para o PE que apresentamos.

2 A EXPOSIÇÃO

2.1. O roteiro: etapas de desenvolvimento e organização

A organização de uma exposição no âmbito escolar não demanda de muita estrutura. Afinal, o material final pode ser produzido e sistematizado de diferentes modos, desde um conjunto de cartolinas, passando por impressões em A4 ou em banners (cuja qualidade pode variar) até o desenvolvimento de modelos impressos nas “novíssimas” impressoras 3D. Contudo, o que mais nos interessa é o conjunto de etapas necessários para definir o conteúdo que será produzido/reunido e exposto.

Toda exposição passa por um amplo processo de definições que envolvem a escolha da temática, definição dos objetivos e do material a ser exposto. A esses processos, somam-se a avaliação da estrutura física (espaço), dos materiais de suporte e equipamentos disponíveis (murais, equipamentos de imagem e som, mobiliário, pedestais, etc.) e outros como ferramentas, escadas, etc.

Contar com um grupo de trabalho para a organização da exposição é importante. Não há regras pré-estabelecidas para a composição do grupo que irá organizar a atividade, pois a iniciativa pode partir de um grupo de servidores ligados à projetos de ensino, extensão ou de pesquisa; ou de setores específicos como a Assistência Estudantil, o Apoio Acadêmico ou a Equipe Pedagógica; do mesmo modo, pode ser originada de uma atividade pedagógica promovida por um docente de um componente curricular ou de um grupo de docentes em uma atividade interdisciplinar.

Pensando nisso, propomos um roteiro que divide o trabalho de organização, sistematização e execução de uma exposição em quatro fases: 1) planejamento; 2) preparação e montagem; 3) exposição; 4) avaliação.

2.1.1 O planejamento

A fase de **planejamento** estende-se do momento em que se tem a inspiração inicial, aquele lampejo criativo, até à visualização da exposição, passando pela constituição da equipe de trabalho e da realização de encontros de diálogo e amadurecimento da proposta. Esse processo pode seguir as seguintes etapas:

- 1 Definição da temática e do objetivo da exposição;
- 2 Realização de uma pesquisa de base para conhecer de modo amplo e geral a temática escolhida;
- 3 Definição do tipo de material a ser exposto, tendo sempre em vista o objetivo da exposição;

Nessa fase, a pesquisa emerge como um princípio educativo (seja como recurso de trabalho, seja como instrumento de aprendizado). Como indicação sugerimos que essas etapas sejam executadas de modo colaborativo e participativo, pois o engajamento das partes envolvidas influencia diretamente no resultado obtido.

2.1.2 A preparação e a montagem

A organização de uma exposição no âmbito A fase de **preparação e montagem** da exposição é dedicada a produção/seleção dos materiais que serão expostos e a criação das condições para que a exposição se realize. Ela pode ser dividida em três etapas:

- 1 Definição do tipo de material a ser exposto (levando em consideração a temática e o objetivo da exposição);
- 2 Produção/seleção do material;
- 3 Avaliação das condições materiais necessárias para a exposição dos materiais;
- 4 Montagem da exposição;

A definição do tipo de material a ser exposto é crucial, pois eles irão variar de acordo com a temática e o objetivo da exposição, podendo ser registros escritos, fotográficos, de som ou imagem (fotos, vídeos, curtas metragens, sons da natureza, músicas etc.), entre tantos outros possíveis. A definição do tipo de material é imprescindível, tanto para selecionar materiais já existentes como para produzir materiais.

Embora tenhamos listado a ordem das etapas, este ordenamento parte das condições ideais, inclusive de recursos econômicos, o que geralmente não é o caso. Por isso, não raro as etapas II e III são realizadas em conjunto ou, até mesmo, avalia-se antes as condições materiais disponíveis para então definir o tipo de material que pode ser exposto e realizar a mediação pedagógica (Identificação das peças e dos autores e, se preferir, breves reflexões

ou informações que liguem a peça à temática). É a partir dessas definições que tem início o trabalho de produção das peças ou a busca ativa pelo material a ser exposto, sendo que um processo não exclui o outro já que ambos demandarão a mediação pedagógica.

Novamente, a pesquisa figura como elemento de apoio ao processo de preparação da exposição, pois é necessário conhecer cada peça e seu conteúdo para realizar a mediação pedagógica e para definir as condições necessárias para que o material seja exposto e o tempo que ele ficará em exibição; é necessário, também, conhecer e visitar o espaço para pensar enquadramentos e identificar ferramentas (escadas, martelos, tesouras, chaves, etc.) e outros materiais necessários para a montagem da exposição.

A montagem da exposição é sempre a etapa mais movimentada, trabalhosa e divertida. Ela é o coroamento das etapas anteriores, pois não são produzidas coisas novas, é o momento em que cada peça da exposição é colocada no seu devido lugar, cercada pelos tratamentos e cuidados já providenciados. Por isso, esteja atento ao tempo necessário para montar a exposição. No geral as exposições em ambiente escolar tendem a ter uma montagem rápida, que não se estende mais do que 30 a 60 minutos.

2.1.3 A exposição e a avaliação

Montada a exposição, pouco temos a fazer, pois agora cabe ao público visitante (que podem ser os estudantes na hora do intervalo) apreciar. Recomenda-se realizar sempre uma abertura por meio de uma cerimônia. Essa é mais para os envolvidos do que para o público visitante, afinal, a exposição permanece pelo tempo definido e o fluxo de pessoas é livre. É importante criar algum tipo de registro do público que teve contato com a exposição, com informações básicas como a cidade de origem.

Este tipo de recurso (o livro de presenças) pode ficar disponível e ser assinado por demanda individual. Ele é um recurso valioso para medir o número de pessoas que circularam por aquele espaço e tiveram contato com o material exposto. Desse ponto, coletar o e-mail é interessante, pois ele permite enviar, posteriormente, um formulário para que avaliem a exposição. Outra possibilidade é que a avaliação pode ser realizada em loco, pela equipe que organiza mediante a realização de entrevistas com o público visitante. Planejem com atenção e cuidado a avaliação, pois ela é um recurso valioso para justificar a realização de outras exposições, inclusive para angariar fundos e verbas para aprimorar o trabalho.

2.2. A exposição: a mulher no mundo do trabalho

A exposição **A mulher no mundo do trabalho** foi pensada tendo como objetivo evidenciar a relação entre gênero e trabalho, a partir da exposição de materiais que retratem/tratem do lugar da mulher no mundo do trabalho. De certo modo, o roteiro proposto tem como mote sensibilizar a comunidade escolar do Ifal, tanto os educadores como os estudantes de que a formação profissional não pode se limitar a transmissão de técnicas para o exercício profissional. Para realizarmos uma formação integral, as novas gerações de trabalhadores devem, necessariamente, passar por uma formação humanística que promova a reflexão sobre a condição ontológica que o trabalho assume em nossas vidas e de como ele influencia a formação de concepções de mundo, de valores e do modo como concebemos e compreendemos o lugar da mulher (o nosso próprio lugar) no mundo.

A exposição é mediada pelo vigoroso pensamento de Simone de Beauvoir (1908-1986). Sobretudo em suas reflexões sobre a mulher e o trabalho na obra *O segundo sexo*, comumente dividida em dois volumes: Vol 1 – Fatos e Mitos; Vol 2 – Experiência vividas. Francesa, natural de Paris, Beauvoir é uma representante do pensamento existencialista francês, ao lado de Jean Paul Sartre. Seu pensamento e seus escritos influenciaram o movimento feminista mediante uma profunda reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e de como as transformações históricas influenciam no modo como a mulher se posiciona no mundo do trabalho e como ela é vista socialmente em função disso (BOUCHARDEAU, 2020).

Beauvoir esteve no Brasil no ano de 1960 acompanhada de Jean Paul Sartre. Daniela Lima (2015) fez um relato histórico daquele momento, destacando a Conferência sobre o feminismo, proferida pela filósofa francesa na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Ela enfatiza o tom da cobertura que a imprensa nacional fazia da visita de Beauvoir e Sartre pelo Brasil, uma cobertura que evidencia as relações de gênero e a submissão da mulher as ações do homem. Como resultado, se para Sartre há uma documentação volumosa de sua passagem pelo Brasil, o mesmo não se pode dizer das atividades de Beauvoir em território brasileiro.

Ao confeccionar as composições e evocar as reflexões da filósofa francesa como subsídio para a interpretação das imagens, que são partes de publicações disponíveis em ambiente virtual e em veículos de informação de diferentes naturezas, não queremos direcionar a compreensão e as interpretações, mas problematizar o lugar comum que a mulher e o trabalho feminino ocupam no imaginário popular e na cultura hegemônica.

Composição 1

Título da composição: **A Mulher Intelectual – Simone de Beauvoir em Conferência na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro**

Data da Imagem: 1960

Créditos da imagem: Blog da Boitempo (LIMA, 2015).

Citação: “Os países latinos, como os países orientais, oprimem a mulher pelo rigor dos costumes mais do que pelo rigor das leis” (BEAUVOIR, 1970, p. 164).

A imagem foi extraída do texto **A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil**, assinada por Daniele Lima (2015) e veiculada pelo Blog da Boitempo. Daniele faz uma reflexão sobre como a cobertura da passagem de Simone de Beauvoir e Jean Paul Sarte pelo Brasil e que a colocava em uma condição de submissão em relação à Sartre.

A escolha da imagem de Beauvoir ministrando uma Conferência na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro busca contrapor a visão que submete a mulher a figura do homem e que a valoriza como intelectual, como profissional, como professora universitária. É nesse mote que a exposição busca correlacionar imagens extraídas do mundo do trabalho com o pensamento de Beauvoir, de modo a evidenciar o trabalho como princípio formativo e como meio de emancipação feminina e conquista da liberdade.

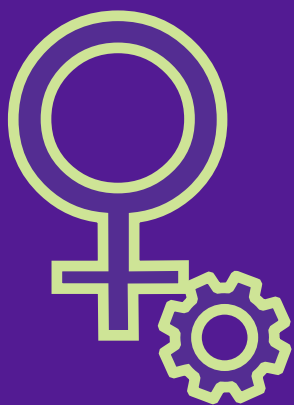
Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

LIMA, Daniele. A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil. **Blog da Boitempo**. Rio de Janeiro, Set. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/08/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/#prettyPhoto>. Acesso em 15/05/2021.

Composição

1



**A Mulher
Intelectual –
Simone de
Beauvoir em
Conferência na
Faculdade
Nacional de
Filosofia no Rio
de Janeiro
(1960)**



Os países latinos, como os países orientais, oprimem a mulher pelo rigor dos costumes mais do que pelo rigor das leis.

(BEAUVOIR, 1970, p. 449)

Fonte da imagem: Blog da Boitempo (LIMA, 2015)

Composição 2

Título da composição: **Mulher na indústria metalúrgica**

Data da Imagem: 2010

Créditos da imagem: G1 – Globo.com (BOKEL, 2010)

Citação: “[...] uma das conseqüências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos” (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

A imagem foi extraída da reportagem **Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica**, assina por Alfredo Bokel (2010) e que, veiculada no portal G1, do Globo.com. Bokel destaca que, naquele momento, “Dos 7,2 mil funcionários da indústria, 450 são mulheres, pouco mais de 6%. Elas atuam principalmente em inspeções, auditorias e operações de usinagem”.

A escolha da Imagem tem como mote provocar a reflexão sobre a problemática da força física, já que os avanços técnicos e tecnológicos permitem a substituição da força humana com o uso da tecnologia. O uso de máquinas e tecnologias possibilitou que as mulheres superassem as barreiras impostas pela tradicional organização do trabalho e pelo modo de trabalho pautado pela força física e, ao ocupar espaços antes exclusivos dos homens, caminhassem em direção à liberdade, a emancipação social e econômica.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOKEL, Alfredo. Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica. G1 – Globo.com. JN no AR, Set. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/jnnoar/2010/09/14/um-toque-feminino-no-trabalho-pesado-de-uma-metalurgica/>. Acesso em 15/11/2021.

Composição

2



Mulher na indústria metalúrgica (2010)



[...] uma das conseqüências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos.

(BEAUVOIR, 1970, p. 17)

Fonte da imagem: G1 - Globo.com. (BOKEL, 2010)

Composição 3

Título da composição: **Mulher na construção civil**

Data da Imagem: 2018

Créditos da imagem: Blog do Instituto da Construção (INSTITUTO, 2018).

Citação: “Foi pelo trabalho que a mulher diminuiu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta” (BEAUVOIR, 1970, p. 449).

A imagem foi extraída do texto **Cresce o número de mulheres na construção civil** veiculado Blog do Instituto da Construção (INSTITUTO, 2018). O texto, de 2018, informava que “Nos últimos dez anos, o Ministério do Trabalho e Emprego estima que a absorção de mulheres pelo mercado da construção civil cresceu quase 50%, e que mais de 200 mil mulheres já trabalham com a construção civil hoje no Brasil” e que “apenas 30% dos acadêmicos de Engenharia Civil são mulheres. Depois de formadas, estas profissionais recebem até 19% a menos do que um engenheiro homem desempenhando exatamente a mesma função”.

A imagem escolhida descaracteriza a noção de “trabalho pesado” (enquanto força viril, não enquanto cansaço) presente na construção civil. Lá também há espaço para habilidades que estão para além da força e que demandam delicadeza, leveza, precisão e capricho.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** (I): fatos e mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

INSTITUTO da Construção. Cresce o número de mulheres na construção civil. **Blog do Instituto da Construção**. São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://www.institutodaconstrucao.com.br/blog/cresce-o-numero-de-mulheres-na-construcao-civil/>. Acesso em 13/12/2021

Composição

3



Mulher na construção civil (2018)



Foi pelo trabalho que a mulher diminuiu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta.

(BEAUVOIR, 1970, p. 449)

Fonte da imagem: Instituto da Construção (INSTITUTO, 2019)

Composição 4

Título da composição: **Mulher na oficina**

Data da Imagem: 2020

Créditos da imagem: O Mecânico (Lima, 2020).

Citação: "O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada [...] das tradições mais antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só vêm nessas possibilidades tentações perigosas" (BEAUVOIR, 1970, p. 175).

A imagem foi extraída do texto **Mulher na oficina virou realidade, veiculado na revista eletrônica "O mecânico"** e assinado por Raycia Lima (2020). O texto trata das mudanças tecnológicas do setor automotivo e da presença crescente de mulheres a partir da entrevista com diversas profissionais que atuam no ramo e destaca que "As três mecânicas [entrevistadas] comentam que é necessário de uma vez por todas desmistificar a ideia de que as mulheres não são capazes de serem tão boas quanto os homens na área automotiva e mostrar a outras mulheres que a manutenção automotiva pode ser tão encantadora quanto qualquer outra área".

A imagem selecionada nos permite refletir sobre o "não lugar" da mulher no mundo do trabalho. Certamente, a oficina mecânica figura como um deles. A mulher não é vista como profissional mecânica, pode ser secretária, responsável pela limpeza, mas pela mecânica não. Na realidade, o lugar comum da mulher na oficina é na parede, nas páginas dos calendários, como objeto do desejo. É contrapondo a esse tipo de visão que propomos selecionamos a imagem 4.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I): fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

LIMA, Raycia. Mulher na oficina virou realidade. **O Mecânico**. São Paulo, Mar. 2020. Disponível em: <https://omecanico.com.br/especial-mulher-na-oficina-virou-realidade/>. Acesso em 15/11/2021.

Composição

4

Mulher na oficina (2020)



O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada [...] das tradições mais antigas. É o que não percebem os observadores apressados que estimam ser a mulher inferior às possibilidades que lhe são oferecidas, ou que só vêem nessas possibilidades tentações perigosas.

(BEAUVOIR, 1970, p. 175)

Fonte da imagem: O mecânico (LIMA, 2020)

Composição 5

Título da composição: **Mulheres na logística da indústria de cosméticos**

Data da Imagem: 2020

Créditos da imagem: Blog da Delage (DELAGE, 2020).

Citação: “Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que a dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva” (BEAUVOIR, 1970, p. 175).

A imagem foi extraída do texto **Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequiti** (DELAGE, 2020). A entrevista trata da aproximação da gerente de logística com a área, sobre as relações de poder com os homens sob sua liderança, sobre os resultados de seu trabalho como gerente de logística da empresa e sobre a abertura do setor de logística para as mulheres. Sobre isso ela destaca que as “Empresas e marcas estão cada vez mais aderindo a neutralidade de gênero e, aos poucos, os rótulos vão caindo por terra”. Mas enfatiza que “parte importante da mudança começa em nós, ou seja, é fundamental que as profissionais estejam igualmente engajadas na causa e lutando por essa mudança”.

A escolha da imagem busca retratar essa perspectiva da condição de intelectual e dirigente assumida pela mulher, pois ela é a mais emblemática. Buscamos colocar em evidência não só a presença da mulher no campo da logística, mas, também, a sutileza das diferenças do código de vestuário na hierarquia e na estrutura da empresa, colocando em evidência que a mulher pode estar em todos os espaços da cadeia produtiva, da gerência à estocagem e a reposição, inclusive em profissões tidas masculinas como a logística.

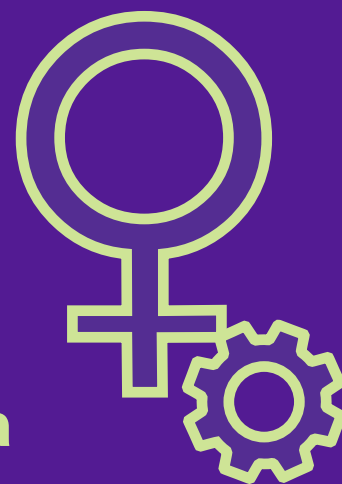
Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (II): a experiência vivida**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

DELAGE. Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequiti. **Blog da Delage**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://delage.com.br/news/mulheres-no-comando-da-logistica-entrevista-com-suelen-bellinassi-gerente-de-logistica-da-jequiti/>. Acesso, 18/12/2021.

Composição

5



Mulheres na logística (2020)



Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que a dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva.

(BEAUVOIR, 1970, p. 175)

Fonte da imagem: Delage (DELAGE, 2020)

À GUIZA DE CONCLUSÃO

Toda ação educativa é uma relação de hegemonia e um ato político

Na última década, de modo mais acentuado nos últimos anos, vimos emergir do cenário político e social um movimento de reação à consolidação dessa concepção de educação e ensino pensada em uma perspectiva educativa emancipatória e voltada para a formação humana e intelectual. A que pese possíveis contradições, esse movimento reacionário está amparado em um discurso conservador dos costumes e voltado à consolidação da hegemonia do bloco econômico dirigido pelo capital especulativo.

Esse grupo tem defendido uma educação escolar utilitarista, politicamente neutra e direcionada para a instrumentalização técnica dos trabalhadores, para o atendimento das demandas imediatas e passageiras do mercado de trabalho e da organização do sistema produtivo. Esse movimento, como bem analisou Acácia Kuenzer (2020), manteve sua capacidade de estabelecer alianças e por elas impôs, mais uma vez, ao campo da educação e do ensino, ajustes nos sistemas escolares de modo a garantir a manutenção das estruturas básicas do sistema de capital e da acumulação flexível.

Na defesa da instrumentalização técnica, foram desferidos ataques às concepções políticas de educadores e professores. Levantando a bandeira da neutralidade política da escola e do ensino, por meio do movimento Escola sem Partido, fez-se uma campanha que caricaturou os profissionais da educação, e de modo geral os servidores públicos, como inimigos do povo e

da nação³. Entranhando-se no âmbito do ensino, esse movimento chegou a se materializar em Leis aprovadas no âmbito dos Legislativos Estaduais, como a Lei n. 7800 de 5 de maio de 2016, que instituiu, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino de Alagoas, o Programa “Escola Livre”⁴, um esforço coordenado de manutenção de uma hegemonia no âmbito dos costumes e da cultura.

Dentre os aspectos que emergiram desse movimento, está a tentativa de coibir o ensino de temas relativos as questões de gênero, assim como de outros ligados às ciências humanas. Por si, a proposição de tal iniciativa é, ao contrário do que querem fazer pensar, um ato político, uma ação deliberada com vistas a defesa e a consolidação de uma concepção de mundo, de uma ideologia. Conceber que todo ato educativo é permeado por uma ação política, ao mesmo tempo em que toda ação política contém em si uma ação educativa, é uma perspectiva de análise que marcou as reflexões sobre a educação escolar no Brasil, sobretudo a partir da década de 1980 e a qual, os reacionários, procuram se afastar ao defender a neutralidade do ensino.

Extraída do pensamento gramsciano, a noção de que os processos formativos são portadores de uma concepção política de mundo coloca em evidência que não há neutralidade política no ato

³ Para entender a problemática do movimento Escola sem Partido em uma perspectiva crítica recomendamos a leitura dos livros **Escola sem Partido ou a escola da mordada e do Partido único a serviço do capital**, organizado por Eraldo Leme Batista, Paulino José Orso e Carlos Lucena (2019) e **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira** organizado por Gaudêncio Frigotto (2017).

⁴ Aprovada por unanimidade pelo Legislativo Estadual a lei 7800/2006 recebeu o veto por parte do Executivo Estadual. O veto foi derrubado pelo Legislativo, o que fez aumentar pressão social exercida por profissionais da educação e do ensino e estudantes tanto da Rede Estadual como da Rede Federal contra a instituição do Programa Escola Livre. A questão da liberdade do ensino e a suposta neutralidade política do ensino passou a ser objeto de análise do sistema judiciário e o caso acabou nas mãos do Supremo Tribunal Federal (STF) para julgar a constitucionalidade ou não. O STF analisou a matéria e atuou de modo a garantir os preceitos fundamentais da constituição brasileira, dentre eles os níveis de competência na legislação do ensino no País, a cargo da União e não dos Estados. Assim, após pouco mais de um ano de sua aprovação, o STF suspendeu a famigerada Lei e a aplicação do “Programa Escola Livre” em Alagoas. Para o entendimento do processo de aprovação da Lei 7800 de 05 de maio de 2016 recomenda-se a leitura do artigo **O Programa Escola Livre em Alagoas, a crise da acumulação do capital e o fortalecimento da direita política brasileira** (HERMIDA; LIRA, 2018).

de educar. Pois toda ação pedagógica contém em si uma relação de hegemonia. É pelo ensino, ou seja, pela transmissão de experiências e valores historicamente constituídos que as gerações mais velhas transmitem às novas gerações a sua concepção de mundo e que os grupos dominantes consolidam sua hegemonia (GRAMSCI, 1999). Por sua vez, ao passo de que a educação escolar tem como fim transmitir os saberes historicamente produzidos, ao valorizar a filosofia e a ciência moderna, não raro os educadores acabam por confrontar concepções de mundo fundamentadas em outras bases, como a religiosa.

Não se trata de negar uma ou outra (religião x ciência), mas de ter clareza da natureza dialética presente no interior das Instituições escolares. Pois, a concepção de educação que fundamenta a ação de um ou de outro grupo de educadores não é neutra, uma escola confessional é embasa por uma concepção religiosa de mundo que, de certo modo, conflita com determinadas concepções científicas, seja das ciências naturais, seja das ciências humanas; do mesmo modo, fundamentos de uma escola laica tendem a conflitar com determinadas concepções religiosas. A beleza da lógica dialética desse processo está nas relações entre teses e antíteses e nas sínteses, que consolidam os avanços e os apresentam como novas teses.

No interior dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) não é diferente. No caso do Instituto Federal de Alagoas, por exemplo, uma Instituição que possui uma história centenária e na qual convivem profissionais da educação com concepções de mundo distintas, os embates são constantes. Eles dizem respeito ao papel social da Instituição e sobre a natureza da formação escolar no âmbito da educação profissional. Isso significa que há grupos de profissionais que pensam a formação profissional do técnico de nível médio nos moldes das tendências pedagógicas tradicionais ou tecnicistas e grupos que detém uma concepção

educativa mais progressista.

Essa condição dialética se materializa nos movimentos internos, nas comissões, nas práticas pedagógicas individuais e na elaboração dos currículos escolares dos cursos técnicos, tanto na forma integrada como na forma subsequente. Esse movimento, define temas, elenca prioridades no processo formativo e estabelece o que é necessário ou não para a formação profissional de um técnico de nível médio. Historicamente, na EP e na formação dos trabalhadores, a transmissão de técnicas profissionais, de ofício, se impôs ao processo de formação humana. O ensino e as práticas pedagógicas, assim como os currículos, têm como ponto central a transmissão e o domínio de saberes e técnicas necessárias ao exercício profissional. E não deveria ser de outra forma. Entretanto, não raro, predomina uma visão pragmatista, tecnicista que despreza a formação humanística e considera as ciências humanas inferiores, até mesmo dispensáveis e que, no processo de formação profissional desconsidera o trabalho como princípio educativo.

Uma vez que olhamos para a educação escolar em sua integração com a formação profissional, com a formação de trabalhadores, não podemos deixar de conceber o trabalho como uma categoria central do processo formativo. Deste ponto, João Matheus S. Miranda (2019) chama atenção para o fato de que o conceito de gênero é uma categoria essencial para a reconfiguração do mundo do trabalho. Segundo ele, o debate sobre a relação gênero-trabalho não pode ser adiado e colocá-lo às vistas demonstra que estamos cientes à demandas e pautas que há décadas fazem parte do cotidiano. Neste sentido, não podemos deixar de perceber que um processo formativo que tem como premissa a formação integral dos sujeitos, deixe de pensar o trabalho pela ótica das relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho.

Helena Hirata (2018) chama atenção para a centralidade do trabalho como categoria explicativa da realidade sendo possível ler na divisão sexual do trabalho profissional e do trabalho doméstico a

divisão sexual do poder. Quando pensamos a EPT e a formação profissional técnica de nível médio, identificar o esvaziamento das reflexões humanas sobre o processo de trabalho em favor do conhecimento técnico faz parte desse processo de naturalização das relações de poder entre os sexos e, inclusive, da caracterização do lugar da mulher nos espaços de trabalho.

Por isso, diante da ausência de espaços nos currículos para tratar de temas como gênero, exploramos outros espaços educativos que não aquele da sala de aula. Na busca por garantir uma formação profissional mediada pela educação para o trabalho, numa perspectiva emancipatória e que promova a autonomia dos sujeitos não esperamos que sejam desenvolvidos trabalhos grandiosos, exposições grandiosas. Esperamos que sejam explorados os micros-espços, como os murais nos corredores e nas salas de aula. Pois assim também é possível desenvolver atividades que eduquem a comunidade escolar, que ampliem os horizontes e evidenciem o valor da formação omnilateral, em favor da emancipação e contra a alienação.

Como já enunciamos, colocar às vistas determinados temas é uma escolha política. A multiplicidade de temas e a perspectiva de uma ampla formação humanística, que dilate a espectro cultural dos estudantes, nos ampara na escolha de vencer barreiras e preconceitos, de superar o senso comum que limita a compreensão das mais diferentes questões, começando com as de gênero, muitas vezes limitadas à espectros biológicos que desconsideram os aspectos sociais.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (Orgs.). **Escola sem partido ou a escola da mordada e do partido único a serviço do capital**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (II)**: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo (I)**: fatos e mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOUCHARDEAU, Huguette. **Simone de Beauvoir**: a biografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BOKEL, Alfredo. Um toque feminino no trabalho pesado de uma metalúrgica. G1 – Globo.com. JN no AR, Set. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/jnnoar/2010/09/14/um-toque-feminino-no-trabalho-pesado-de-uma-metalurgica/>. Acesso em 15/11/2021.

DELAGE. Mulheres no comando da logística: entrevista com Suelen Bellinassi, gerente de Logística da Jequiti. **Blog da Delage**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://delage.com.br/news/mulheres-no-comando-da-logistica-entrevista-com-suelen-bellinassi-gerente-de-logistica-da-jequiti/>. Acesso, 18/12/2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HERMIDA, José Fernando; LIRA, Jailton de Souza. O Programa Escola Livre em Alagoas, a crise da acumulação do capital e o fortalecimento da direita política brasileira. **Revista Exitus**. Santarém, v. 8, n. 1, p. 141-170, Jan./Abr., 2018. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/393/304>. Acesso 15/08/2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Trabalho Necessário**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 29, p. 14-27, 2018. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552/4195>. Acesso em 25/07/2021.

INSTITUTO da Construção. Cresce o número de mulheres na construção civil. **Blog do Instituto da Construção**. São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://www.institutodaconstrucao.com.br/blog/cresce-o-numero-de-mulheres-na-construcao-civil/>. Acesso em 13/12/2021

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ciência & Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p.57-66, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/WDrjPv8s6s9X5Y63PWG3VgJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15/05/2021.

LIMA, Daniele. A mulher é um devir histórico: rastros de Beauvoir no Brasil. **Blog da Boitempo**. Rio de Janeiro, Set. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/08/a-mulher-e-um-devir-historico-rastros-de-beauvoir-no-brasil/#prettyPhoto>. Acesso em 15/05/2021.

LIMA, Raycia. Mulher na oficina virou realidade. **O Mecânico**. São Paulo, Mar. 2020. Disponível em: <https://omecanico.com.br/especial-mulher-na-oficina-virou-realidade/>. Acesso em 15/11/2021.

MIRANDA, João Matheus Soares. Reconfiguração do mundo do trabalho: o gênero como categoria essencial ao debate. **Novos Rumos Sociológicos**. Pelotas, v. 8, n. 13, p. 171-191, Jan/Jun, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/download/17774/11685>. Acesso em 16/12/2020.

